

CRÔNICA – [250]*

11 de novembro de 1900

Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. Daí vem que, enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves como a taxa francesa sobre a falta de filhos¹ e o suicídio do chefe de polícia paraguaio,² coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.

Não nego que o imposto sobre a falta de filhos e o celibato podia dar de si uma página luminosa, sem aliás tocar na estatística. Só a parte cívica. Só a parte moral. Dava para elogio e para descompostura. A grandeza da pátria, da indústria e dos exércitos faria o elogio. O regime de opressão inspirava a descompostura, visto que obriga a casar para não pagar a taxa; casado, obriga a fazer filhos, para não pagar a taxa; feitos os filhos, obriga a criá-los e educá-los, com o que afinal se paga uma grande taxa. Tudo taxas. Quanto ao suicídio do chefe de polícia, são palavras tão contrárias umas às outras que não há crer nelas. Um chefe de polícia exerce funções essencialmente vitais e alheias à melancolia e ao desespero. Antes de se demitir da vida, era natural demitir-se do cargo, e o segundo decreto bastaria acaso para evitar o primeiro.

Deixei taxas e mortes e fui à casa de um leiloeiro, que ia vender objetos empenhados e não resgatados. Permitam-me um trocadilho. Fui ver o martelo bater no prego. Não é lá muito engraçado, mas é natural, exato e evangélico. Está autorizado por

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXVI, n. 314, p. 1, 11 nov. 1900), SEMMA (p. 438-442) e SEM1953 (v. 3, p. 437-443). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda. O texto vem, na *Gazeta*, sob o título “CRÔNICA”.

¹ No *Jornal do Commercio* (ano 80, n. 311, p. 2, col. 6, 8 nov. 1900), lê-se: “O sr. Piot, Senador francês, apresentou agora um projeto de lei criando imposto sobre os homens solteiros e os casados sem filhos. [...] E no novo imposto não há somente um novo sacrifício de dinheiro. Há também um atentado à liberdade, no que há de mais sensível: o direito de cada um arranjar como quiser a sua vida íntima. [...] E esse imposto será naturalmente pesado, para coagir com a sua inclemência os homens solteiros a mudar de estado e os homens casados a mudar de vida.” Em nota à sua edição desta crônica, John Gledson (2013, p. 307) escreveu: “A taxa francesa tinha as suas origens no alarme sobre a questão da população, que levava a crer que a França degenerava e se tornava mais vulnerável aos seus inimigos (principalmente a Alemanha).”

² Não localizamos a notícia.

Jesus Cristo: *Tu es Petrus*,³ etc. Mal comparando, o meu ainda é melhor. O da Escritura está um pouco forçado,⁴ ao passo que o meu⁵ – o martelo batendo no prego, – é tão natural que nem se concebe dizer de outro modo. Portanto, edificarei a crônica sobre aquele prego, ao som daquele martelo.

Havia lá broches, relógios, pulseiras, anéis, botões, o repertório do costume. Havia também um livro de missa, elegante e escrupulosamente dito *para* missa, a fim de evitar confusão de sentido. Valha-me Deus! até nos leilões persegue-nos a gramática. Era de tartaruga, guarnecido de prata. Quer dizer que, além do valor espiritual, tinha aquele que propriamente o levou ao prego. Foi uma mulher que recorreu a esse modo de obter dinheiro. Abriu mão da salvação da alma, para salvar o corpo, a menos que não tivesse decorado as orações antes de vender o manual delas. Pobre desconhecida! Mas também (e é aqui que eu vejo o dedo de Deus), mas também quem é que lhe mandou comprar um livro de tartaruga com ornamentações de prata? Deus não pede tanto; bastava uma encadernação simples e forte, que durasse, e feia para não tentar a ninguém. Deus veria a beleza dela.

Mas vamos ao que me põe a pena na mão; deixemos o livro e os artigos do costume. Os leilões desta espécie são de uma monotonia desesperadora. Não saem de cinco ou seis artigos. Raro virá um binóculo. Neste apareceu um, e um despertador também, que servia a acordar o dono para o trabalho. Houve mais uns cinco ou seis chapéus de sol, sem indicação do cabo... Deus meu! Quanto teriam recebido os donos por eles, além de algum magro tostão? Riamos da miséria. É um derivativo e uma compensação. Eu, se fosse ela, preferia fazer rir a fazer chorar.

O lote inesperado, o lote escondido, um dos últimos do catálogo, perto dos chapéus de sol, que vieram no fim, foi uma espada. Uma espada, senhores, sem outra indicação; não fala dos copos, nem se eram de ouro. É que era uma espada pobre. Não obstante, quem diabo a teria ido pendurar do prego? Que se pendurem chapéus de sol, um despertador, um binóculo, um livro *de* missa ou *para* missa, vá. O sol mata os micróbios, a gente acorda sem máquina, não é urgente chamar à vista as pessoas dos outros camarotes, e afinal o coração também é livro de missa. Mas uma espada!

Há dois tempos na vida de uma espada, o presente e o passado. Em nenhum deles se compreende que ela fosse parar ao prego. Como iria lá ter uma espada que pode ser a cada instante intimada a comparecer ao serviço? Não é mister que haja guerra; uma parada, uma revista, um passeio, um exercício, uma comissão, a simples

³ Mateus 16,18. (BÍBLIA, 1866, p. 949)

⁴ *A Bíblia de Jerusalém* (2000, p. 1869), em nota ao versículo 18 desta passagem do Evangelho de S. Mateus, traz uma nota de que transcrevemos o seguinte trecho: “Nem a palavra grega *Petrus*, e, ao que parece, nem o seu correspondente aramaico *Kepha* (“rocha”) eram usados como nome de pessoa antes de Jesus ter chamado assim o chefe dos apóstolos para simbolizar o seu papel na fundação da Igreja.”

⁵ meu] meu, – em SEM1953.

apresentação ao ministro da guerra basta para que a espada se ponha à cinta e se desnude, se for caso disso. Eventualmente, pode ser útil em defender a vida ao dono. Também pode servir para que este se mate, como Bruto.⁶

Quanto ao passado, posto que em tal hipótese a espada não tenha já préstimos, é certo que tem valor histórico. Pode ter sido empregada na destruição do despotismo Rosas ou López,⁷ ou na repressão da revolta, ou na guerra de Canudos, ou talvez na fundação da República, em que não houve sangue, é verdade, mas a sua presença terá bastado para evitar conflitos.

As crônicas antigas contam de barões e cavaleiros já velhos, alguns cegos, que mandavam vir a espada para mirá-la, ou só apalpá-la, quando queriam recordar as ações de glória, e guardá-la outra vez. Não ignoro que tais heróis tinham castelo e cozinha, e o triste reformado que levou esta outra espada ao prego pode não ter cozinha nem teto. Perfeitamente. Mas ainda assim é impossível que a alma dele não padecesse ao separar-se da espada.

Antes de a empenhar, devia ir ter a alguém que lhe desse um prato de sopa: “Cidadão, estou sem comer há dois dias⁸ e tenho de pagar a conta da botica, não quisera desfazer-me desta espada, que batalhou pela glória e pela liberdade...” É impossível que acabasse o discurso. O boticário perdoaria a conta, e duas ou três mãos se lhe meteriam pelas algibeiras dentro, com fins honestos. E o triste reformado iria alegremente pendurar a espada de outro prego, o prego da memória e da saudade.

Catei, catei, catei, sem dar por explicação que bastasse. Mas eu já disse que é faculdade minha entrar por explicações miúdas. Vi casualmente uma estatística de S. Paulo, os imigrantes do ano passado, e achei milhares de pessoas desembarcadas em Santos ou idas daqui pela Estrada de Ferro Central. A gente italiana era a mais numerosa. Vinha depois a espanhola, a inglesa, a francesa, a portuguesa, a alemã, a própria turca, uns quarenta e cinco turcos. Enfim, um grego. Bateu-me o coração, e eu disse comigo: o grego é que levou a espada ao prego.

E aqui vão as razões da suspeita ou descoberta. Antes de mais nada, sendo o grego⁹ não era nenhum brasileiro, – ou *nacional*, como dizem as notícias da polícia. Já me ficava essa dor de menos. Depois, o grego era um, e eu corria menor risco do que supondo alguém das outras colônias, que podiam vir acima de mim, em desforço do patricio. Em terceiro lugar, o grego é o mais pobre dos imigrantes. Lá mesmo na terra é

⁶ Marco Bruto (85-42 a.C.), político romano que assassinou Júlio César, cometeu suicídio com uma espada após derrota na batalha de Filipos.

⁷ John Gledson (2013, p. 310): “Juan Manuel de Rosas (1793-1877), ditador da Argentina entre 1835 e 1852, que foi derrotado na batalha de Monte Caseros, em que lutaram tropas brasileiras; Francisco Solano López (1827-70), ditador paraguaio que estava no poder durante a Guerra do Paraguai. ‘A Revolta’ é a revolta naval de 1893-4.”

⁸ dias] dia – em GN.

⁹ grego] grego, – em SEMMA.

paupérrimo. Em quarto lugar, talvez fosse também poeta, e podia ficar-lhe assim uma canção pronta, com estribilho:

Eu cá sou grego,
Levei a minha espada ao prego.

Finalmente, não lhe custaria empenhar a espada, que talvez fosse turca. About refere de um general, Hadji-Petros, governador de Lâmia, que se deixou levar dos encantos de uma moça fácil de Atenas, e foi demitido do cargo.¹⁰ Logo requereu à rainha pedindo a reintegração: “Digo a Vossa Majestade pela minha honra de soldado que, se eu sou amante dessa mulher¹¹ não é por paixão, é por interesse; ela é rica, eu sou pobre, e tenho filhos, tenho uma posição na sociedade, etc.” Vê-se que empenhar a espada é costume grego e velho.

Agora que vou acabar a crônica, ocorre-me se a espada do leilão não será acaso alguma espada de teatro, empenhada pelo contrarregra, a quem a empresa não tivesse pago os ordenados. O pobre-diabo recorreu a esse meio para almoçar um dia. Se tal foi, façam de conta que não escrevi nada, e vão almoçar também, que é tempo.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. 9ª impressão, maio de 2000. São Paulo: Paulus, 2000.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, ano XXVI, n. 314, p. 1, 11 nov. 1900. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pagfis=1494>.

¹⁰ Em nota à sua edição desta crônica, John Gledson (2013, p. 311) anotou: “Do livro de Edmond About [1828-1885], *La Grèce contemporaine*, também citado na crônica de 26 de novembro de 1893.”

¹¹ mulher] mulher, – em SEM1953.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. O Velho e o Novo Testamento traduzidos em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.